

Abordagens Ideológicas para o Fazer Musical: uma Investigação Acerca do Uso da Música New Age

Nando Araujo*

Resumo

Diante da variedade de formas musicais que emergiram nesse fim de século, a música denominada new age é um desses fazeres musicais que vem sendo utilizada como suporte para algumas atividades terapêuticas, como ferramenta para engendrar determinados enunciados em nossa contemporaneidade. Há na atualidade um grande interesse para o consumo de produtos (sejam estes musicais ou não) que possuam atributos terapêuticos. A recente produção musical denominada new age, segundo os promotores do movimento no Brasil, é um desses produtos que possibilita sua utilização pela sociedade, visando provocar estados alterados de consciência. Em igual medida, propõe-se a cura de alguns males da sociedade moderna pela audição dessa forma musical.

Palavras-chave: Ideologia, Música, Terapia.

Abstract

Before a variety of musical styles that emerged in this century, the music called new age can be seen as one of these musical style, that has been used as support for therapeutic activities and, also used as a tool to impose specific ideas in our contemporary age. There is nowadays a great interest on consuming products, musical or not, considered having therapeutic qualities. The new musical production

* Músico-instrumentista, compositor, graduado em Filosofia pela Universidade Moura Lacerda - RP. Pós-graduado em Filosofia Clínica (Lato Sensu) e Mestre em Musicologia pelo Conservatório Brasileiro de Música (CBM-RJ). Atualmente leciona Filosofia, Musicologia e História da Música para os cursos de Musicoterapia, Música Popular, Letras e Direito da Universidade de Ribeirão Preto. É também editor e idealizador da revista eletrônica *Pense Música* (www.pensemusica.com.br). Autor do livro: *Quando as Musas usam Máscaras: ídolos e ideologias em música*. São Paulo: Apontamentos, 2002. www.nandoaraujo.com.br E-mail: nandoaraujo@nandoaraujo.com.br

labeled "new age", according to Brazilian promoters is considered one of these products that has the intent of promote altered states of conscience. In the same proportion the new age promoters state the cure for some of the modern social diseases through listening this musical style.

Key-words: Ideology, Music, Therapy.

Ao iniciarmos a pesquisa sobre a música new age no Brasil, deparamo-nos com algumas questões, como, por exemplo: quais os instrumentos de investigação necessários, para que se pudesse compreender, com mais eficácia, os enunciados dos promotores do movimento sobre seu produto musical? Qual o encaminhamento adequado ao processo de investigação? Como fundamentar as hipóteses sobre esse recente movimento sócio-musical no Brasil¹⁹¹, onde é quase inexistente uma literatura específica sobre o tema? Como identificar os representantes mais significativos no Brasil, visando à obtenção de um panorama preciso sobre o movimento e sua produção musical?

Essas foram questões iniciais, porém, no decorrer do processo de pesquisa, outras formas de encaminhamento das mesmas questões e de outras emergiram. O movimento new age, em sua amplitude de proposições, conceitos e pragmatismos, fez-nos dar prioridade a determinados enunciados, visando proporcionar uma melhor apreensão do significado de nova era e dos atributos de sua produção musical, da emergência e da vigência do movimento em nossa sociedade. Encaminhamos nossas questões no sentido de construir um instrumento mais preciso de verificação de seu produto musical, averiguando, principalmente, suas características funcionais.

Mas quais são as narrativas da new age em sua versão brasileira?

Podemos identificar alguns enunciados que perfazem os princípios new age; esses são os principais enunciados extraídos do discurso dos promotores do movimento new age no Brasil: 1) a busca

191 Esta pesquisa foi realizada entre 1996 e 1998.

individual de uma espiritualidade; 2) a aquisição de uma “nova consciência”; sendo o produto musical new age reflexo e/ou promotor dessa “nova consciência”, 3) a função terapêutica dessa forma musical.

Essas três proposições caracterizadas pelos promotores do movimento recebem um sentido evolucionista, sendo utilizado com um sentido de “progresso”, bem como são permeados por uma dimensão universal e constestatória.

Basicamente, é diante dessas proposições que os promotores new age criam o complexo ideário do movimento. Contudo, mesmo identificando-as em quase todos os entrevistados, estas não são plenamente acordadas entre eles. De fato existe a tendência de uma adequação individual desses mesmos enunciados.

Neste artigo estaremos discutindo apenas a terceira proposição, a função terapêutica da música new age, não obstante, a “nova consciência” e o seu processo de aquisição; o significado de universalismo em música; a pretensão do movimento em engendrar uma forma de resistência aos valores vigentes; o mecanismo de transladação dos conceitos new age norte-americano para o contexto brasileiro e os processos de formação dos Ídolos,¹⁹² que atuam como máscaras para a cognição sonora, são aspectos importantes para uma correta compreensão da ideologia do uso da música new age para fins terapêuticos. Todavia, apresentaremos os procedimentos e os resultados obtidos pelo modelo experimental, por nós elaborado, para averiguar a possibilidade intrínseca à música new age para a promoção de terapia.¹⁹³

Música Funcional: uma outra Máscara para as Musas?

No decorrer da pesquisa sobre o movimento new age e sua manifestação musical, uma investigação mais acurada sobre os atributos dessa forma musical desvelou-se necessária, deste modo seria verifi-

192 Os Ídolos a que nos referimos são provenientes da doutrina dos Ídolos de Francis Bacon (Novum Organum).

193 O conceito de terapia utilizado pelos promotores da nova era no Brasil é no sentido de promover um estado de relaxamento pela audição da música new age, promovendo assim um bem-estar físico e psíquico, proporcionando à estética new age o conceito precário de música “boa” e música “ruim”. Discussão moralista em música que permeia a cultura ocidental desde Platão no século IV a.C.

cado empiricamente os efeitos terapêuticos imputados a esse produto musical, como vimos acima. Sendo assim, foi elaborado um modelo experimental de música com Consumidores e Não-Consumidores de música new age, para detectar os possíveis efeitos terapêuticos promulgados pelos promotores do movimento no Brasil. Contudo, como observamos anteriormente, esta característica terapêutica é apenas um dos atributos desta produção musical.

A música denominada new age brasileira possui, portanto, dois atributos principais: 1) ter uma função terapêutica (indutora de relaxamento e/ou meditativa); 2) ser promotora e /ou reflexo da manifestação de indivíduos que já adquiriram (ou estão em via de adquirir) uma "nova consciência". Foi com o intuito de investigar tal uso e função, tais atributos da música new age, que propusemos o referido experimento para verificar diretamente o seu uso enquanto instrumento para promover relaxamento (bem-estar), e investigar também, embora por inferência, a função de promotora da "nova consciência".

Estamos cientes de que o experimento realizado não esgota outras possibilidades de análise referente ao uso e à função investigada. A inexistência de um protocolo para realizar o experimento sobre esta forma musical e suas respostas neurofisiológicas, levou-nos a propor um modelo experimental baseado em alterações autonômicas, ou seja, frequência cardíaca e pressão arterial. Verificamos, em igual medida, as possíveis alterações comportamentais, pela medição de níveis de ansiedade, conferidos através de escalas de auto-avaliação: Escala Analógica Visual do Humor (EAH)¹⁹⁴ e Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE).¹⁹⁵

Faz-se necessário, portanto, abordar as possíveis alterações ocorridas na neurotransmissão de indivíduos quando submetidos à audição de música new age, o que permitiria reunir um corpo de evidências capaz de avaliar com mais precisão o suposto efeito terapêu-

194 EAH foi descrita, originalmente, por NORRIS (1971) e traduzida para o português por ZUARDI E KARNIOL (1981)

195 IDATE de SPIELBERGER e cols. (1970). A versão em português foi validada por BLAGGIO e cols. (1976).

tico atribuído à música new age. No entanto, a falta desse protocolo não invalida os resultados obtidos através do experimento proposto.

Materiais e Métodos

Participaram deste experimento, como voluntários sem remuneração, sessenta indivíduos entre 18 e 35 anos de idade, que foram divididos em dois grupos, tendo como critério o sexo: 30 homens e 30 mulheres. Cada voluntário participou de apenas uma sessão experimental. Os indivíduos foram escolhidos através de um questionário que possibilitou-nos formar os referidos grupos principais de Consumidores e Não-consumidores de música new age, bem como os subgrupos: A,B,C,D,E,F.

Delimitamos aleatoriamente a faixa etária dos consumidores de música new age para o experimento, pois, segundo as entrevistas realizadas com os promotores do movimento new age brasileiro, esta não é possível de ser seguramente definida. Do mesmo modo, escolhemos os indivíduos que tenham cursado ou que estivessem cursando o terceiro grau, em virtude da não identificação do perfil profissional e da classe social dos consumidores dessa forma musical, todos estes dados foram coletados através de entrevistas realizadas com os principais representantes do movimento no Brasil, à época da pesquisa.

Foram utilizadas nove músicas para o experimento, sendo quatro de compositores new age brasileiros, perfazendo vinte e um minutos e trinta segundos de audição. A saber: *Visita Interiora* (Corciolli), *Amaranta* (Carlos Perez), *The Gold Of The Last Alchemy* (Alpha Phoenix), *Samsara* (Luz da Ásia). E mais cinco músicas que decidimos chamar de “não-new age”, pois estes compositores e as músicas escolhidas para o experimento não poderiam gerar dúvidas quanto ao seu estilo musical, são elas: *Nem um dia* (Djavan), *As vitrines* (Carlos Fernando/Toninho Horta), *Efêmero* (Paulinho Moska), *Não Deu* (Djavan) *Ho capito Che ti amo* (Luigi Tenco – intérprete Zizi Possi), *Vuelvo a Sur* (Astor Piazzolla/Fernando Solanas – intérprete Caetano Veloso).

Para registrar a frequência cardíaca durante o experimento, foi utilizado um monitor (Cardiosport / Exel), registrando o batimento a cada intervalo de cinco minutos.

A pressão arterial foi verificada com um esfigmomanômetro (Diastyl) e um estetoscópio (BD) Becton & Dyckson.

Os dados subjetivos foram medidos por meio de duas escalas de auto-avaliação. A primeira foi a Escala Analógica Visual do Humor (EAH). O segundo instrumento de avaliação utilizado foi o inventário de Ansiedade-Estado (IDATE).

A sessão experimental ocorreu em um quarto silencioso de 12m², onde os sujeitos permaneciam deitados em uma poltrona reclinada, estando com as luzes apagadas, durante os vinte e um minutos de duração do experimento. O volume sonoro foi de 37dB, adequado ao tamanho da sala, permitindo um estado confortável de audição visando auxiliar a indução de relaxamento pela música. As músicas foram gravadas e reproduzidas em um aparelho "hi-fi stereo" Gradiente.

Procedimento Experimental

Foram definidos dois grupos principais: Consumidores e Não-Consumidores, subdivididos em seis subgrupos: A,B,C,D,E,F.

Subgrupo A: Consumidores (grupo controle – sem estímulo musical).

Subgrupo B: Consumidores (submetidos à audição de música "não-new age").

Subgrupo C: Consumidores (submetidos à audição de música new age).

Subgrupo D: Não-consumidores (grupo controle – sem estímulo musical).

Subgrupo E: Não-consumidores (submetidos à audição de música "não-new age").

Subgrupo F: Não-consumidores (submetidos à audição de música new age).

Cada subgrupo foi composto de dez sujeitos: cinco homens e cinco mulheres. Foi utilizado o tempo máximo de vinte e um minutos e trinta segundos de audição, pois a quebra da homeostase por estímulos externos (em nosso experimento, ao estímulo musical) faz com que o organismo dispare um mecanismo compensatório, procurando restabelecer o equilíbrio inicial, ou seja, todo estímulo provoca uma reação no organismo, acarretando uma resposta adequada. Dessa forma, empregamos o tempo de vinte minutos para a estimulação musical, pois estímulos operados em tempo inferior poderiam não provocar adaptações fisiológicas. Do mesmo modo inferimos que se o indivíduo permanecesse em estado de repouso superior a vinte minutos poderia tender ao relaxamento independente do estímulo externo submetido, mascarando os possíveis resultados de relaxamento proporcionados pela audição de música new age ou de "não-new age", comprometendo as interpretações das respostas fisiológicas. Este tempo foi estimulado através de prévias experiências realizadas para detectar o limiar entre o estado de vigília e o estado de sonolência, independente de qualquer estímulo sonoro.

Os sujeitos foram previamente selecionados através de questionário. Todos os experimentos foram realizados entre vinte horas e vinte e uma horas e trinta minutos.

Antes de iniciar a audição os indivíduos eram submetidos às escalas de auto-avaliação: Escala Analógica Visual de Humor (EAH), que consiste em 16 itens, compostos cada um de dois adjetivos de sentidos opostos, separados por linha de 100mm de comprimento, sobre a qual os sujeitos deveriam assinalar com traço vertical o ponto que melhor descrevesse seus sentimentos naquele momento. Esses itens foram agrupados intuitivamente por Norris¹⁹⁶, em quatro fatores (ansiedade, sedação física, sedação mental e outros sentimentos e atitudes). Zuardi e cols.¹⁹⁷ realizaram, recentemente, análise fatorial dos itens dessa escala, apontando distribuição semelhante à original:

196 EAH foi descrita, originalmente, por NORRIS (1971) e traduzida para o português por ZUARDI E KARNIOL (1981)

197 ZUARDI, Antonio Waldo. et col., 1993.

fator ansiedade (itens: calmo-agitado, tenso-relaxado e preocupado-tranquilo);

fator sedação mental (itens: alerta-sonolento e atento-distraído);

fator sedação física (itens: raciocínio difícil-perspicaz, incapaz-capaz, apático-dinâmico, confuso-com idéias claras, retraído-sociável, ágil-desajeitado e forte-fraco);

fator ligado a outros sentimentos e atitudes (interessado-desinteressado, alegre-triste, satisfeito-insatisfeito e hostil-amistoso).

O segundo instrumento de avaliação utilizado foi o Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE I), que é uma escala composta de duas partes com vinte itens cada, designadas para medir a Ansiedade-Estado, condição transitória e variável no tempo e a Ansiedade-Traço, a predisposição para responder com ansiedade e/ou a tendência para perceber uma variedade de situações como potencialmente ameaçadoras. Após tal procedimento, o indivíduo era submetido à audição de música new age, "não-new age" ou a nenhuma música (grupo controle), conforme o subgrupo definido. Como parâmetros fisiológicos foram utilizados FC (aferido manualmente), e PA, aferida por aparelhos especificados acima.

Durante toda a audição o monitor registrava, a cada cinco minutos, os batimentos cardíacos do voluntário. No final do experimento, o indivíduo permanecia com os olhos fechados e aferia-se, novamente, a FC e a PA. Posteriormente, os sujeitos preenchem novamente as escalas de auto-avaliação (EAH, IDATE I), visando conferir as possíveis alterações no nível de ansiedade.

Discussão

Nos últimos anos têm surgido livros que tratam da música e de seus efeitos terapêuticos, da sua influência nos processos físicos, intelectual e emocional, bem como do modo pelo qual pode provocar alterações na consciência individual (Tame, 1984; Stewart, 1987;

Fregtman, 1986, 1989; Bruscia, 2000; Beneson, 1988). Esses livros pouco ou nada relatam sobre procedimentos de averiguação dos resultados apresentados, bem como da fundamentação de determinadas teorias musicais, ou seja, uma epistemologia. Abre-se, portanto, uma lacuna de investigação com referência às propriedades anunciadas pelos promotores do movimento new age no Brasil, visto que, muitos deles se utilizam de tais literaturas para construção de suas narrativas sobre as propriedades da música new age. Somente dessa forma é que se deveria inferir com mais precisão sobre os enunciados propostos, em especial, sobre os efeitos psicofisiológicos do que se denominou new age.

No presente trabalho foram examinadas as respostas fisiológicas e as subjetivas de relaxamento em sujeitos submetidos à audição de música new age e “não-new age”, assim como em sujeitos que não ouviram nenhum tipo de música. O objetivo desse experimento, como vimos anteriormente, está no fato de que existe uma forte atribuição terapêutica enunciada pelos promotores dessa forma musical no Brasil.

Na Escala Analógica Visual do Humor, itens Ansiedade e Outros Sentimentos, verificou-se que, no final da sessão experimental, os sujeitos dos subgrupos A e D (controle), dos subgrupos B e E (submetidos à audição de música “não-new age”) e dos subgrupos C e F (submetidos à audição de música new age) apresentaram tendência a uma intensificação subjetiva da ansiedade e de outros sentimentos (medo, raiva, etc), inferi-se aqui em tendência, já que na análise estatística realizada não houve significância entre todos os subgrupos no início e no final do experimento. Todavia, para podermos atribuir uma função terapêutica a um estímulo sonoro, a redução dos níveis de ansiedade seria um dos aspectos fundamentais para que ocorra o estado de relaxamento.

Os dados obtidos na Escala Analógica Visual de Humor, item Sedação Mental, indicam uma tendência à ligeira resposta de sedação em todos os subgrupos, porém, uma maior tendência foi verificada nos sujeitos dos subgrupos A e D (controle), que não receberam nen-

hum estímulo sonoro, nos permitindo inferir que ambas as formas musicais, new age e "não-new age", proporcionaram uma tendência a um estado menor de sedação mental do que os sujeitos submetidos a nenhum estímulo musical.

No item Sedação Física, da EAH, verificou-se que, ao contrário do item sedação mental, os subgrupos A e D (controle) não apresentaram a tendência de sedação física; os subgrupos B e F (submetidos à audição de música "não-new age") e os subgrupos C e E (submetidos à audição de música new age) demonstraram uma pequena tendência para a sedação física, ao término da sessão experimental. Nesse item, também, não houve significância estatística.

Portanto, através desse instrumento de análise (Escala Analógica Visual de Humor), não se confirmou a função de relaxamento imputado à música new age. As respostas subjetivas de Ansiedade, de Outros Sentimentos, de Sedação Mental e da Sedação Física foram semelhantes, para consumidores e não-consumidores dessa forma musical. Com a obtenção desse resultado não podemos atribuir à música new age essa singularidade terapêutica, já que essa mesma possibilidade verificou-se em músicas "não-new age".

Utilizamos ainda, um outro instrumento de análise para verificar as respostas subjetivas de relaxamento, configurando o seguinte resultado:

O IDATE I: Ansiedade-Estado aponta para uma tendência à diminuição no estado de ansiedade, verificado no início e no final da sessão experimental, em todos os subgrupos, sendo que essa alteração subjetiva de relaxamento não é estatisticamente significativa.

No IDATE II: Ansiedade-Traço verificou-se que em ambos os grupos (de consumidores e de não-consumidores) possuem o mesmo traço de ansiedade em seu cotidiano. Desse resultado infere-se que a audição constante de música new age não interfere na diminuição de ansiedade geral.

Constatado que as propriedades subjetivas de relaxamento imputadas aos produtos musicais denominados new age não foram identificados empiricamente, investigamos a possibilidade de haver

alterações fisiológicas que pudessem induzir os voluntários a estados de relaxamento. Para esse fim, foram utilizadas as medidas de FC (frequência cardíaca) e PA (pressão arterial).

As respostas de PA e FC em todos os subgrupos, igualmente as Escalas Analógicas Visual de Humor, IDATE I-II, não foram estatisticamente significativas para que se atribua uma alteração nesse parâmetro fisiológico.

Na monitoração da FC dos subgrupos A e D (controle, isto é, sem estímulos musicais), B e E (de sujeitos submetidos à audição de música "não-new age") delineou-se uma tendência à diminuição da frequência cardíaca durante a sessão experimental. Na resposta de FC dos subgrupos C e F (sujeitos submetidos à audição de música new age), verificou-se que no subgrupo F (dos não-consumidores new age) não houve alteração na FC. Esse dado aponta que os indivíduos que não consomem música new age podem estar propensos a não relaxar ao ouvi-la, apresentando, inclusive, resposta contrária à esperada. Comparando esse resultado com as respostas de PA desse mesmo subgrupo, nota-se que, quanto a este parâmetro fisiológico, também não houve resposta de relaxamento, ocorrendo um aumento da PA diastólica nos sujeitos desse mesmo subgrupo F.

Dessa maneira, o experimento demonstrou não haver uma qualidade terapêutica (relaxamento) que se possa vincular à audição de música new age, uma qualidade intrínseca e exclusiva dessa forma musical.

Conclusão

Não pretendemos considerar, embora este subtítulo nos alude a pensar dessa forma, que o assunto esteja concluído. Estamos cientes de que as considerações finais realizadas nesse texto são referentes ao modo de abordar as questões que emergiram no decorrer da pesquisa. A amplitude das proposições e conceitos que envolvem as narrativas do movimento impossibilitou-nos de definir um único aspecto que pudesse abarcar eficazmente a pesquisa sobre a música new age. Desse modo, as colocações finais sobre o movimento e a

música new age não pretendem e nem devem ser consideradas conclusivas; ao contrário, apresentam-se como ponto de partida para novos estudos.

Não investigamos o movimento new age (em sua versão brasileira) através das literaturas existentes em seu país de origem; pois, não poderíamos considerar que os dogmas originais do movimento fossem incorporados plenamente em nosso contexto social. Portanto, foram os enunciados dos promotores do movimento new age no Brasil, identificados no transcorrer da pesquisa, que nos levaram à compreensão da existência de uma versão brasileira do movimento, tendo ocorrido, em primeira instância, uma assimilação e, posteriormente, uma adequação das narrativas do movimento norte-americano ao ethos brasileiro. Essas narrativas, em certo modo, vão permeando o comportamento de uma parcela da população brasileira que, como nos diz Ribeiro (1995), ainda se encontra em plena formação.

Nos Estados Unidos, onde já existem mais de dois mil títulos sobre a nova era, seus enunciados já constituem o viver individual e coletivo. Tal não ocorre no Brasil, onde a falta de unidade observada nos discursos dos promotores do movimento denuncia que se pretende forjar uma conduta new age e um consumo massivo desse produto musical.

É devido ao processo individual de transladação dos conceitos do movimento para o nosso país, aqui sistematizados em forma de uma indústria (indústria new age), que seu produto musical tornou-se mais um produto de consumo, diferenciado de outros em sua funcionalidade e atributos.

Todavia, com a realização do experimento descrito acima, pudemos verificar que não existe a atribuição de relaxamento proposta e esperada; a existência de uma propriedade inerente e exclusiva à música new age. Os dados das respostas fisiológicas e das respostas subjetivas de relaxamento obtidas entre os consumidores e não-consumidores de música new age, não apontam para tal atribuição. A análise dos dados não indicou significância estatística quanto às respostas de relaxamento obtidas em ambos os grupos de voluntários.

Precisamos considerar que outras variáveis levam ao efeito de relaxamento no tempo da audição de um determinado estilo musical; algumas dessas variáveis são: a agradabilidade do estímulo sonoro, a capacidade deste em despertar interesse, o quanto se gosta de um determinado estímulo, se esse estímulo é agradável ou belo (Berlyne, 1974). Enfim, devido a essas variáveis, as supostas propriedades da música new age precisam ser fornecidas com mais cautela e hesitação. Não podemos atribuir essa função exclusiva de relaxamento para essa forma musical, pelo simples ato judicativo de nomear o que é ou não new age e, desse modo, tornando-a terapêutica ou uma música "curativa". Verifica-se, todavia, que os indivíduos respondem a um estado de relaxamento conforme sua preferência musical. Assim, o "gostar" é em primeira instância o suporte para um possível estado de relaxamento, para a possibilidade e ser fazer terapia utilizando este produto do homem, a música.

Inferimos daí, que a classificação da música new age como própria para relaxamento, segundo os promotores do movimento no Brasil, funciona retoricamente para diferenciar seu produto musical de outros existentes no mercado. As respostas de relaxamento a este determinado estímulo sonoro podem ser consideradas uma possibilidade, sendo que esse relaxamento também pode ser verificado em outras formas musicais.

A "nova consciência" que se formaria em indivíduos que produzem e consomem músicas new age, complementa a retórica de uma nova era por vir, maximizando a demanda desse produto musical.

A narrativa de música da "nova consciência" é utilizada como retórica new age, uma ideologia; ferramenta que possui muito vigor de manipulação comportamental em mudanças de séculos e milênios (o movimento new age emergiu nos Estados Unidos na década de 1980).

O prenúncio de uma nova era, a concepção escatológica do homem, proveniente do momento histórico-social atual, faz com que se anunciem grandes mudanças que, em certa medida, são verificadas

no desenvolvimento tecnológico, nas descobertas científicas, enfim, em muitas áreas do saber; porém, muitas vezes, essas informações assumem a forma de produto recebendo um valor de troca, utilizada como jogos de linguagem, engendrando um complexo ideário de comportamento condizente com anúncios de novas eras.

Sem dúvida há um vasto campo de pesquisa sobre os efeitos da música no comportamento humano, no desenvolvimento da cognição, nos possíveis efeitos terapêuticos, nas possíveis alterações neurofisiológicas de indivíduos submetidos a determinados estímulos sonoros e musicais. Há muito que se pesquisar sobre o tema. Necessitamos ter muita cautela no pronunciar com veemência e legitimidade sobre uma área de pesquisa ainda muito carente de investigação sistemática e, no que concerne às proposições do movimento new age sobre seu produto musical, faz-se necessário delimitar o que são proposições legítimas e o que é gerado por conhecimento narrativo com fundo ideológico.

Todos os aspectos que verificamos no decorrer de nossa pesquisa e que foram discutidos na pesquisa sobre o movimento new age, levaram-nos até o presente momento a considerar que muitas narrativas dos integrantes do movimento, no Brasil, são de caráter ideológico, proveniente de um segmento da sociedade que, utilizando-se de um complexo ideário, quer convertê-la em idéias comuns, atribuindo-lhes uma universalidade que, contudo, é abstrata, transformando idéias particulares em idéias universais.

A ideologia new age pretende explicar o presente ou resolver os problemas contemporâneos projetando-se para o futuro, utilizando-se de instrumentos narrativos que sustentam a idéia de que estamos entrando em uma nova era na qual o homem caminha para um estado de perfeição absoluta. Da mesma forma, a ideologia new age lança-se para o passado, buscando mais informações para servirem de instrumentos de sua retórica. O passado, o presente, o futuro, os fenômenos sociais e culturais concernentes a cada "era", essa diacronia realizada pelos promotores do movimento, resultam em ideologias, nas quais as músicas, assim denominadas, transformaram-se em

suporte sensível desse complexo ideário como apanágio de ingresso em uma nova era. Para isso, os promotores new age empreendem a tarefa de redefinir, de re-nomear e contestar os fenômenos contemporâneos, utilizando-se de um dos recursos que a classe dominante dispõe, o processo de criação e difusão de ideologias.

Os ideólogos new age organizam suas idéias baseando-as em informações fragmentadas, querendo transformar suas ilusões e motivações (veladas) em representações universais de comportamento social. Desse modo, a música como produto transformou-se em uma “nova” possibilidade musical (um novo produto) como emergência de uma “era” (uma nova ideologia). Uma máscara que vela as inúmeras possibilidades do indivíduo apreender o material sonoro, para valorar e ajuizar a obra da forma que lhe convier, sem a interferência de “especialistas” direcionando e modelando o gostar, o fazer musical e o seu uso para fins terapêuticos.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. Idéias para a sociologia da música. In. Os Pensadores, 2º ed., São Paulo: Abril Cultural, 1983, 343p.

_____. Introduzione a Sociologia Della Musica. Terza Edizione. Torino: Giulio Einaudi Editore s.p.a., 1971, 261p.

_____. O Fetichismo na música e a regressão da audição. In. Os Pensadores, 2ºed., São Paulo: Abril Cultural, 1983, 343p.

BAUMAN, Zygmunt. O Mal-Estar da Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, 272p.

BACON, Francis. Novum Organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza. In. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999, 255p.

BERLYNE, Daniel. Studies in the New Experimental Aesthetics. New York: John Wiley and Sons, 1974.

BIAGGIO, Angela Maria Brasil, NATALÍCIO, Luis e SPIELBERGER, Charles D. The development and validation of an experimental portuguese form of the state-trait anxiety inventory. Charles Spielberger e Diaz-guerrero (Eds.): Cross-cultural research on anxiety, Hemisphere/Wiley, 1976.

BRUSCIA, Kenneth E. Definindo Musicoterapia, 2º ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000, 312p.

BENEZON, Roland. Teoria da Musicoterapia: contribuição ao conhecimento do contexto não-verbal. São Paulo: Summus, 1988, 182p.

CAPRA, Fritjof. O Tao da Física. 20ª ed. São Paulo: Cultrix, 2000, 260p.

CAVALCANTI, Nestor de Hollanda e CASTRO, Antonio José Jardim e. Teses sobre a Música. In: Revista Encontros com a Civilização Brasileira. V. 8, p. 223-245. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

CASTRO, Antonio José Jardim e. Pássaros não fazem Música: Formigas não fazem Política. In: Pesquisa e Música. V. 1, Nº 2, p. 75-80. Rio de Janeiro: Conservatório Brasileiro de Música, 1995.

_____. Música, uma outra densidade do real: para uma filosofia de uma linguagem substantiva. Dissertação – Mestrado em Educação Musical. Centro de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão, Conservatório Brasileiro de Música. Rio de Janeiro: CBM, 1988, 205 fls.

_____. Música: vigência do pensar poético. Tese – Doutorado em Ciências da Literatura – Poética. Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997, 317fls.

FREGTMAN, Carlos D. Música Transpessoal: uma cartografia holística da Arte, da ciência e do misticismo. São Paulo: Cultrix, 1989, 228p.

_____. O Tao da Música. São Paulo: Pensamento, 1986, 210p.

NORRIS, H. The action of sedatives on brainstem oculomotor systems in man *Neuropharmacology*. V. 10, p. 181-191, 1971.

RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro: evolução e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, 476p.

SPIELBERGER, Charles, GORSUCH, Richard e LUSHENE, Robert. Manual for the state-trait anxiety inventory. Consulting Psychologist Press. Califórnia: Palo Alto, 1970.

STEWART, Robert John. Música e Psique: as formas musicais e os estados alterados de consciência. São Paulo: Cultrix, 1987, 179p.

TAME, David. O Poder Oculto da Música. São Paulo: Cultrix, 1984, 334p.

WATSON, Andrew, DRURY, Nevil. Musicoterapia. São Paulo: Ground, 1987, 140p.

ZUARDI, Antonio Waldo e KARNIOL, Isac Germano. Estudo transcultural de uma escala de auto-avaliação para estados subjetivos. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 31, p. 403-496, 1981.